



**É UM MEMORIAL? É UM POEMA? É UM CONTO? NÃO. É
TUDO ISSO AO MESMO TEMPO! NOTAS (DES)PRETENCIOSAS
SOBRE O ESCREVER EM UMA PESQUISA FORMAÇÃO
NARRATIVA E (AUTO)BIOGRÁFICA**

Itamar Zuqueto Serra Neto¹

Universidade Federal do Pará, UFPA, Faculdade de Letras, Altamira, PA, Brasil.

Resumo: O que se entende por escrita acadêmica numa *pesquisa formação narrativa (auto)biográfica*? Qual (quais) o(s) formato(s) esta escrita pode assumir no processo de elaboração dos gêneros acadêmicos Monografia, Dissertação e Tese? No presente artigo, pretendo refletir, fazendo uso do método (auto)biográfico, ancorado nos escritos de Josso (2010), Ricoeur (1994; 2010; 2016; 2014), Bakhtin (2020; 2006), Nóvoa; Finger (2010) e de Bragança (2012; 2018), dentre outros, sobre estas questões recorrendo, para tanto, a um diálogo com o Memorial de Formação de João Jesus (JESUS, 1997): “Camponeses”, bem como com meus próprios escritos: trechos de meu diário de itinerância que constituirão parte de meu texto tese que está em construção.

Palavras-Chave: *Pesquisa-formação*; Narrativa (Auto)Biográfica; Escrita Acadêmica; Gêneros Acadêmicos.

**IS IT A MEMORIAL? IS IT A POEM? IS IT A SHORT-STORY? NO. IT IS ALL
OF THAT AT THE SAME TIME! (UN)PRETENTIOUS NOTES ON WRITING
IN A NARRATIVE AND (AUTO)BIOGRAPHIC RESEARCH-TRAINING**

Abstract: What is meant by academic writing in (auto)biographical and narrative research-education? Which format(s) can this writing take in the process of elaborating the academic genres of Monograph, Dissertation and Thesis? In this article, I intend to reflect, using the (auto)biographical method, anchored in the writings of Josso (2010), Ricoeur (1994; 2010; 2016; 2014), Bakhtin (2020; 2006), Nóvoa; Finger (2010) and Bragança (2012; 2018), among others, on these issues, resorting to a dialogue with the Educational Memorial by João Jesus (JESUS, 1997): “Peasants”, as well as with my own writings: excerpts from my travel diary that will form part of my thesis text, which is under construction.

¹ Docente do Curso de Letras: Língua Portuguesa da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, da UFPA, Campus de Altamira. Especialista em Literatura e Cultura na Amazônia pela UFPA. Mestre em Letras pela UFV. Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC da FE UNICAMP e do *Grupo Interinstitucional de Pesquisa formação Narrativa (Auto)Biográfica Polifonia* – FE UNICAMP/FFP UERJ. E-mail: itamarserra@ufpa.br.

Keywords: Research-training; (Auto)Biographic Narrative; Academic Writing; Academic Genres.

¿ES UN MEMORIAL? ¿ES UN POEMA? ¿ES UN CUENTO? NO. ¿ES TODO ESO AL MISMO TIEMPO! NOTAS (DES)PRETENCIOSAS SOBRE LA ESCRITURA EN UNA INVESTIGACIÓN NARRATIVA Y (AUTO)BIOGRÁFICA

Resumen: ¿Qué se entiende por escritura académica en la investigación-formación narrativa y (auto)biográfica? ¿Qué formato(s) puede tomar este escrito en el proceso de elaboración de los géneros académicos Monografía, Disertación y Tesis? En este artículo pretendo reflexionar, utilizando el método (auto)biográfico, anclado en los escritos de Josso (2010), Ricoeur (1994; 2010; 2016; 2014), Bakhtin (2020; 2006), Nóvoa; Finger (2010) y Bragança (2012; 2018), entre otros, sobre estos temas, recurriendo a un diálogo con el Memorial de Formación de João Jesus (JESÚS, 1997): “Campesinos”, así como con mis propios escritos: extractos de mi diario de viaje que formará parte de mi texto de tesis que está en construcción.

Palabras-clave: Investigación-formación; Narrativa (auto)biográfica; Escritura académica; Géneros académicos.

EST-CE UN MÉMORIAL? EST-CE UN POÈME ? EST-CE UNE NOUVELLE? NON. C’EST TOUT ÇA EN MÊME TEMPS! NOTES (NON)PRETENTIEUSES SUR L’ÉCRITURE DANS UNE RECHERCHE-FORMATION NARRATIF ET (AUTO)BIOGRAPHIQUE

Résumé: Qu’entend-on par écriture académique dans la recherche-formation narrative et (auto)biographique? Quel(s) format(s) cet écrit peut-il prendre dans le processus d’élaboration des genres académiques Monographie, Dissertation et Thèse? Dans cet article, j’entends réfléchir, en utilisant la méthode (auto)biographique, ancrée dans les écrits de Josso (2010), Ricoeur (1994 ; 2010 ; 2016 ; 2014), Bakhtin (2020 ; 2006), Nóvoa ; Finger (2010) et Bragança (2012 ; 2018), entre autres, sur ces questions, recourant à un dialogue avec le Mémorial de la Formation de João Jesus (JESUS, 1997) : “Paysans”, ainsi qu’avec mes propres écrits: extraits de mon carnet de voyage qui fera partie de mon texte de thèse en construction.

Mots-clés: Recherche-formation; Récit (auto)biographique; L’écriture académique; Genres Académiques.

INTRODUÇÃO²

² A “sensação” de haver um, talvez, possível inacabamento, na discussão proposta neste artigo, mesmo que os textos, em sua forma de organização e em seu conteúdo, possam “negar” a existência de tal aspecto a um leitor que esteja lendo, quem sabe, um pouco mais apressadamente este trabalho, pode decorrer do fato de este texto haver sido produzido no contexto de uma *pesquisaformação* que ainda está em andamento. Por sua própria forma e modo de constituição, a *Pesquisaformação Narrativa (Auto)Biográfica*, como lembram Bragança (2018); Mota; Bragança (2019), é uma pesquisa que deseja dar-se a conhecer no durante, no seu processo de realização, antes mesmo de a Monografia, a Dissertação e/ou a Tese estarem “prontas”. É tendo em conta o dito nos períodos anteriores da presente nota, que antecipamos aos/as leitores/as nossos

Dou início a este texto apresentando alguns questionamentos que me ocorreram quando ingressei no *Grupo Interinstitucional de Pesquisa Formação Polifonia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (POLIFONIA – FE UNICAMP/FFP UERJ)*, no qual estou realizando minhas atividades de *pesquisa formação* para meu doutoramento em Educação.

Elenco para a discussão neste trabalho dois deles: o que é uma escrita acadêmica numa *pesquisa formação narrativa (auto)biográfica*? Qual (quais) o formato(s) esta escrita pode assumir na escrita acadêmica dos gêneros: Monografia, Dissertação e Tese? Refletirei sobre estas questões recorrendo a um diálogo com o Memorial de Formação de João Jesus: “Camponeses”, bem como com meus próprios escritos: trechos de meu diário de itinerância que constituirão parte de meu texto tese que está em construção.

O campo de Pesquisa (Auto)Biográfica, embora seja recente em nosso país, tem suas raízes, falando especificamente do território brasileiro, nos trabalhos de Paulo Freire – o estudioso brasileiro é citado, por exemplo, por pioneiros da Pesquisa-Ação e da Pesquisa-formação, como Marie-Christine Josso (2010) e René Barbier (1985) – que ao ser posto, pelos pesquisadores brasileiros³, em diálogo com as produções do professor Antônio Nóvoa (2010; 1992a), bem como com os trabalhos de Michael Connelly e Jean Clandinin, chegados ao Brasil no final dos anos 1980 e início dos 1990, difundiram expressões como: “método autobiográfico”, “histórias de vida” e “pesquisa narrativa”, encontrou terreno fértil em nosso país (BRAGANÇA, 2018), é bastante amplo. Sobretudo, quando se pensa em contemplá-lo lançando nosso olhar para suas “práxis de pesquisa”.

Foi o que pude perceber, quando de meu ingresso nele, no segundo semestre de 2020, ao participar do “Webinário Teorias e Práxis (Auto)Biográficas⁴” organizado pelo

sinceros agradecimentos pelo acolhimento recebido por este texto em seus próprios processos reflexão e de *pesquisa formação*!

³ Por exemplo, do núcleo Vozes da Educação UERJ, do Grupo de Estudos e pesquisas em Educação Continuada – GEPEC, o Grupo Profissionalidade Docente e Identidade e narrativas singulares/plurais: GRUPRODOCI., e Povo de Clio, com os quais tive e ainda tenho tido a oportunidade de diálogo, em diferentes eventos em que seus participantes e coordenadores tem participado, como, por exemplo, numa mesa mediada recentemente por mim, na IV Festa Literária Internacional do Xingu, em Altamira, no Pará, que contou com a participação da Prof. Dra. M. Helena M. B. Abraão, da Profa. Dra. M. Inês Petrucci Rosa e da Profa. Dra. Inês Bragança.

⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCV4vWiHSRTO2zdpqI8pUTVQ>



Grupo Povo de Clio da UFSM, dos encontros do Ciclo de Estudos: *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em tempos de coronavírus (CICLOPE) e do Grupo de Terça, subgrupo do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), da FE/UNICAMP.

Esse percurso de desenvolvimento da abordagem (auto)biográfica brasileira

[...] levou a organização de uma obra coletiva pela Professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão, com a participação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Nesse contexto, a partir do livro *A Aventura (Auto) Biográfica – teoria e empiria* (ABRAHÃO, 2004) foi organizado o I CIPA, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Congresso este que abriu caminhos para a consolidação da produção brasileira na área em diálogo com a produção internacional. Se o movimento já era efervescente, incluindo uma diversidade de desdobramentos, a realização do I CIPA articula pesquisadores e nomeia o campo: “pesquisa (auto)biográfica”, nomeação que privilegia expressão de origem literária, remetendo à longa trajetória das biografias e autobiografias (BRAGANÇA, 2018, 67).

Bem longe de ter a pretensão de fazer um mapeamento dos métodos e práticas de escrita (auto)biográfica experimentados por este campo, este artigo pretende, ao refletir sobre o escrever um memorial em uma *pesquisaformação narrativa (auto)biográfica*, tematizar as práxis de escrita acadêmica, que constituem objeto dos diálogos e rodas de conversa nas reuniões do Grupo Polifonia, bem como sobre a própria prática de escrita do autor do presente texto. Antes de dar continuidade ao diálogo com “Camponeses” de João Jesus sobre transgressão e hibridização como motores do processo de escrita (auto)biográfica de um Memorial de Formação, faz-se necessário responder a questão: “o que se entende por *pesquisaformação narrativa (auto)biográfica*? Responder a este primeiro questionamento é o que tentarei fazer no próximo tópico.

O QUE SE ENTENDE POR PESQUISAFORMAÇÃO NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA? BREVES CONSIDERAÇÕES

O campo de pesquisa designado “(Auto)Biográfico”, embora seja jovem, sua existência no Brasil, começa a ser marcada com o advento do primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) idealizado por uma das fundadoras desse campo, no Brasil: a profa. Dra. Maria Helena M. Barreto Abrahão (2004), é, como já anunciado na introdução deste texto, bastante amplo. Sem pretender dar conta de ser exaustivo, ainda que falando apenas de uma das muitas abordagens que o campo



(auto)biográfico brasileiro possui, vou me dedicar nesta parte do presente texto a questão proposta: “o que se entende por *pesquisaformação narrativa (auto)biográfica?*”.

Recorro para realização do proposto no parágrafo acima aos trabalhos de Inês Bragança (2012a; 2012b; 2014; 2018a; 2018b), pesquisadora da UNICAMP, líder do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação Polifonia*, vinculado ao Núcleo Vozes da Educação (FFP/UERJ) e ao GEPEC (FE/UNICAMP).

Meu primeiro contato com a *Pesquisaformação Narrativa (Auto)Biográfica*, do modo como a estou apresentando neste texto, se deu no primeiro semestre de 2020, quando cursava os créditos do Doutorado em Educação na UNICAMP, no qual ingressei neste mesmo ano. No terceiro módulo da disciplina "Educação, Saberes Afrodiaspóricos e (re)Existências⁵", com participação da Profa. Dra. Inês Bragança. Tivemos contato com os trabalhos de estudiosos europeus como Marie-Christine Josso (2010), António Nóvoa (1992), Matias Finger (NÓVOA; FINGER, 2010), Gaston Pineau (2010), Delory-Momberger (2006; 2018) e outros estudiosos que, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, são tidos como pioneiros da pesquisa com histórias de vidas de professores na Europa, bem como com o de estudiosos brasileiros que também pensavam, deste lado do Atlântico, uma ciência outra, um modo outro de fazer pesquisa em Educação. Como, por exemplo, Paulo Freire, maior expoente do pensamento educacional brasileiro contemporâneo, citado nos trabalhos de pioneiros europeus da Pesquisa-Ação, como René Barbier (1985) e da Pesquisa-formação, como Josso (2004). Bragança (2018) narra que no

[...] Brasil, podemos tomar a vida e obra de Paulo Freire como marco na direção de práticas educativas que consideram a trajetória de vida dos educandos, especialmente jovens e adultos, suas histórias, saberes e narrativas como referências para a construção do conhecimento, em uma educação especialmente dialógica. (BRAGANÇA, 2018, 72).

A produção científica, no que se refere à literatura educacional no campo da formação de professores/as, de uma perspectiva (auto)biográfica, possui uma presença consolidada em nosso país. Como aponta Bragança, uma referência importante para mim, no trabalho citado acima: “Nos trabalhos de Dermatini (1984), Linhares (1996), Nunes (1987), Kramer (1991), Kenski (1994), Garcia (2001) e outros, encontramos [...] conceitos como memória e narração e uma busca por reinventar a pesquisa” (2018, 72).

⁵ Nesta disciplina tivemos três docentes ministrantes: Profa. Dra. Norma Trindade, Profa. Dra. Jackeline Mendes e Profa. Dra. Inês Bragança.



O marco temporal, no qual o campo e a produção brasileira delineiam e nomeiam o campo (auto)biográfico, se dá num contexto de uma viragem (anos 1980, 1990 e 2000), construída por “professores/as pesquisadores/as oriundos da escola básica que aprenderam a fazer ciência” a partir do chão da escola (2018, 73). No Sul, no final dos anos 1980, Maria Helena M. B. Abrahão (2014), uma das pioneiras desse campo em nosso país, inicia seu trabalho de pesquisa usando o aporte (auto)biográfico. No Sudeste os pioneiros neste campo podem ser localizados nos trabalhos de pesquisadores dos grupos: “Pesquisa, Docência, Memória e Gênero”, USP (CATANI et al., 1997), “Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada”, UNICAMP, fundado por Corinta Geraldini (1998) e pelo “Núcleo Vozes da Educação”, UERJ (BRAGANÇA; MAURÍCIO, 2008). É desse movimento maior, de união, de construção partilhada, num “círculo virtuoso de narrativa e da escuta” que floresce, dentre outras perspectivas, de pesquisa e de formação: a *Pesquisaformação Narrativa (Auto)Biográfica*. (MOTTA; BRAGANÇA, 2019).

A *Pesquisaformação Narrativa (Auto)biográfica*, com os termos “pesquisa” e “formação” escritos de forma aglutinada e em itálico, no próprio modo, na forma de nomear o campo, não esconde que suas origens se situam nos estudos e pesquisas nos, dos e com os cotidianos, tal como propostos nos trabalhos de Garcia (2001), na preocupação *epistemopolítica* de construção de saber científico e docente em diálogo com uma “ciência outra”⁶. Não há espaço e nem é propósito deste artigo realizar uma revisão de literatura sobre, nem uma narrativa abrangente a respeito do que seja essa perspectiva de pesquisa e formação. Remeto os que desejam conhecer com maior profundidade o tópico discutido nesta parte do artigo ao trabalho de Thais Motta e Inês Bragança (2019).

O que tentarei desenvolver, e talvez oferecer um pouco mais de esclarecimento sobre, na próxima parte deste artigo, diz respeito a uma peculiaridade dos modos de *escrevernarrar* o processo de *pesquisaformação* que tenho experimentado no Grupo Polifonia, com destaque para dois aspectos: a “transgressão” e a “hibridização” que caracterizam a *formaconteúdo* dos escritos (auto)biográficos dos seus participantes, partindo de um diálogo com o Memorial de Formação de um colega de UFPA: Jesus (1997) e meus próprios escritos. Embora esse “modus operandi” não seja exclusivo dos trabalhos (dissertações e teses) do GEPEC, foi nesse grupo de pesquisa que tive a

⁶ Tal como proposto, por exemplo, em Santos (2003), Josso (2010), Ricoeur (1994; 2014), Bauman (1998), Guidens (2002), Bakhtin (2006; 2020), dentre outros estudiosos não citados que também contribuíram para o delineamento do campo como o conhecemos atualmente.



oportunidade de pensar sobre e de acompanhar mais de perto esse jeito singular de narrar uma investigação científica, que pode ser materializada nos gêneros: Monografia, Dissertação e Tese.

A FORMA COMO CONTEÚDO: A TRANSGRESSÃO E A HIBRIDIZAÇÃO COMO MOTORES DO PROCESSO DE ESCRITA EM “CAMPONESES” E EM MEUS PRÓPRIOS ESCRITOS

Começo esta parte trabalho retomando, com outras palavras, os questionamentos feitos no título deste artigo: O que se entende por escrita acadêmica numa *pesquisaformação narrativa (auto)biográfica*? Qual (quais) o(s) formato(s) esta escrita pode assumir no processo de elaboração dos gêneros acadêmicos Monografia, Dissertação e Tese? A busca de resposta aos questionamentos propostos partirá de uma reflexão sobre trechos do Memorial de Formação de João Jesus (JESUS, 1997) e de meu diário de itinerâncias⁷.

Começo com um trecho do capítulo 2 de Jesus (1997):

O PORTO da Missão de Tavaquara,
Que há pouco tempo vila se tornara,
É berço de passiva geração.
Com vida social não muito boa,
A prática dos bons costumes voa.
E, à margem, fica tal população...
Nas ruas calmas, homens só de shorts,
E mulheres entregues à vil sorte,
Têm os olhos perdidos no horizonte.
— “Ah! Neste lugar nada se prospera!
Infeliz quem aqui progresso espera,
Só temos hoje o que tivemos ontem!” (JESUS, 1997, 19).

Os versos do “Conto-poema”, que materializam o Memorial de Formação de um egresso da primeira turma do Curso de Letras da UFPA, Campus de Altamira, desnudam a dura realidade na qual Fábio, personagem principal da obra, que assim como o próprio autor da obra, conseguiu superar as enormes dificuldades que a vida lhe impôs e ingressar na Universidade, chegada no final dos anos 1980 e início dos 1990, aos municípios polo do interior do Pará, narra sua trajetória de *vidaformação*, assim como daquela por quem

⁷ Remeto o leitor interessado em conhecer um pouco melhor o “diário de itinerância” e sua utilização no contexto de realização de uma *pesquisaformação* ao trabalho de René Barbier (2002).



se apaixonou e constituiu família: a então, jovem, migrante do estado de Goiás, e trabalhadora doméstica, Mara que, talvez, tenha sido a personagem que deu voz ao lamento do verso que se apresenta em discurso direto: “_ Ah! Neste lugar nada se prospera! Infeliz quem aqui progresso espera, Só temos hoje o que tivemos ontem!”.

A personagem, que, diferentemente de grande parte das mulheres migrantes da Transamazônica, teve sorte diferente, pois foi acolhida por uma missionária em sua casa, pode ter reproduzido, no verso citado no final do parágrafo anterior, uma síntese de uma análise da realidade que lhe deve ter sido apresentada em conversas com a freira que lhe acolheu, não foi abandonada “à vil sorte”. Aquela, que a “vida social não muito boa”, a que fazia a “prática dos bons costumes” voar, poderia tê-la levado a uma condição social de extrema vulnerabilidade, a mesma experimentada pelas mulheres retratadas no filme proibido pela ditadura: “Iracema, uma transa amazônica⁸”, que apareciam, numa das cenas da referida película, com “olhos perdidos no horizonte”.

O Pará, assim como foi um dos últimos estados a aderir a independência do Brasil, também, aparentemente, como sugerido nos versos do “conto-poema” de João Jesus, pode ter sido um dos últimos a aceitar o final da Ditadura Militar – o “grande empreendimento” do regime: “a abertura da rodovia Transamazônica”, ainda estava muito vivo na memória coletiva da região, que, mais uma vez, aparentemente, tinha uma população muito simpática ao regime supracitado – não parece desejar espontaneamente ser um espaço fecundo para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável que gere bem-estar social para todo o conjunto da população da região: uma população diversa e que sofre com uma desigualdade social gigantesca. Olhando para o contexto contemporâneo, o da vitória de um candidato a “presidência da república” favorável a este regime, em 2018, se pode perceber os motivos que levam parte da “elite” da região a tratar a Universidade com desprezo e hostilidade, como pude testemunhar nos atos de parte dela em reação ao evento “Amazônia centro do mundo”, em 2019.

Embora não esteja citado de forma explícita no texto de seu “Memorial em versos”, pode-se perceber no “Conto-poema” de João Jesus, uma presença de princípios que encontramos no diálogo que fazemos em nosso grupo de pesquisa, o Polifonia, com a obra de dois estudiosos que têm sido companhias constantes em minha própria *pesquisa formação narrativa (auto)biográfica*: Bakhtin (2020; 2006) e Paul Ricoeur

⁸ Com direção de Jorge Bodanzky e Orlando Senna.



(1994; 2010; 2014; 2016). As personagens da narrativa (auto)biográfica do autor o ajudam a olhar, em diálogo com as histórias de vida do casal Fábio e Mara, para a sua própria trajetória de *vidaformação*, contribuindo também, como um texto que possui “três dimensões”, “três mimesis”, para meu olhar para minha própria trajetória de *vidaformação*, narrada nos textos de meu próprio diário de itinerância, que, semelhantemente, guardadas as diferenças, também teve a preocupação em narrar, tendo o “limiar poroso” entre “linguagem literária” e “linguagem científica”, meu próprio “caminhar para si” (JOSSO, 2010), vendo-me como um outro, que refletia sobre si próprio, como um personagem de minha própria história, construído com “o excedente estético de visão”, que meus colegas de *pesquisaformação*, nas nossas reuniões de orientação coletiva, me ajudaram a ter nas suas leituras e compreensões de minhas falas e escritos. Essa reflexão a respeito de um escrever caracterizado pela “transgressão” e pela “hibridização”, tendo em conta esse “limiar poroso” (BRAGANÇA, 2018) entre literatura e ciência na pesquisa (auto)biográfica será objeto da próxima seção deste artigo.

O LIMIAR POROSO ENTRE LITERATURA E CIÊNCIA: A NARRATIVA COMO MÉTODO, COMO FONTE E POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO

A linguagem acadêmica de uma investigação científica que emerge na escrita de um Memorial de formação, materializado nos gêneros “monografia”, “dissertação” e “tese”, por habitar esse limiar poroso entre ciência e literatura, materializa “contos-poemas”, como o de João Jesus, ou “narrativas polifônicas”, mais no sentido de serem constituídas, no caso específico das minhas próprias “escrevivências” (EVARISTO, 1996), numa espécie de tentativa de construção de uma linguagem acadêmica, inspirada em minha compreensão de Santos (2003), “do sul”, um tanto “carnavalizada”, no sentido dado ao termo “carnavalização”, por Bakhtin (1999), do que necessariamente “polifônicas”, tendo em conta também o modo como este mesmo estudioso (BAKHTIN, 2013) pensa os conceitos: “romance polifônico” e “polifonia”, por ele idealizados, como é o caso das que têm sido produzidas e registradas em meu diário de itinerância, cujo um trecho, que reproduzo a seguir, também, agora, no presente artigo, constitui parte de minha própria Tese em construção.

Ao (re)ler o trecho da apresentação de “Camponeses”, de João Jesus (ROSA, 1997), transcrito na epígrafe destas “primeiras” palavras, não consigo não



rememorar minha infância primeira, passada em um lote⁹ situado no km 66, da BR 230, próximo à Cajazeiras, para o qual meus avós, meu pai, minha mãe e meus tios vieram de Goiás, em 1975, por ocasião das “oportunidades”, criadas pela abertura da supramencionada rodovia...

Para, para, para aí! É sério que você vai escrever um texto de Tese, ““Primeiras palavras”, no caso específico desta “parte” do seu “trabalho”, na primeira pessoa? E ainda usando uma linguagem predominantemente narrativa e autorreferente? “Pode isso, Arnaldo?” ... Lá vem você, com tuas brincadeiras! Como se diz lá pelas bandas da periferia de Santarém: “para com teu show” e deixa o autor, digo narrador, trabalhar!

Obrigado, “nobre personagem”, corrigindo, “voz da consciência”! Antes de ser interrompido, no fluxo de minha narrativa, iniciado no primeiro parágrafo destas “primeiras” palavras, iria justamente explicar que, como o título deste texto sugere, o objetivo central desta pesquisa consistiu estabelecer diálogo entre as histórias de vida e formação dos estudantes do curso de licenciatura em Letras: Língua Portuguesa, da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir da UFPA, Campus de Altamira, por meio de narrativas (auto)biográficas [...] (Trecho de meu diário de itinerância que compõe minha tese em construção).

Numa das partes de meu texto de tese que está em construção tento, inspirado pelo processo de escrita de João Jesus (1997), instituir, em minhas práticas de escrita acadêmica, um esforço radical de materialização da ideia, defendida por Alves e Garcia (2001) e Alves (2001), de que “é preciso literaturizar” a pesquisa, no caso da minha, a (auto)biográfica. É o que tento demonstrar apresentando, e refletindo sobre, nesta parte do presente texto, o excerto citado acima.

Na minha *pesquisaformação* que está em andamento, o personagem de minha narrativa (auto)biográfica: o “senhor Zuqueto” narra sua investigação, em diálogo com outras duas personagens, “suas vozes da consciência”, que o fazem, algumas vezes a contragosto, refletir sobre sua trajetória de formação de formador de professores, que dialoga sobre o currículo do curso de letras, a legislação, bem como sobre a formação docente projetada nestes documentos, com um grupo de estudantes que participam de sua *Pesquisaformação*, num texto “carregado” de intensão literária e polifônica, embora seu texto tese não tenha a pretensão de ser um texto literário, mas um texto acadêmico.

⁹ Nome dado às propriedades rurais (de aproximadamente 07 alqueires do norte, medindo aproximadamente 27,225 metros quadrados, cada.) doadas pelo governo federal, num plano do regime militar para a “ocupação da Amazônia”, nomeado na publicidade institucional, por exemplo, de: “Terra sem homens para homens sem terra”; no contexto de uma política pública designada, dentre outros adjetivos dados no período, segundo os próprios colonos, de: “é preciso integrar para não entregar”, cujo objetivo seria “garantir a posse” e o “progresso” da região amazônica, para colonos oriundos de diferentes estados brasileiros que migraram para esta região nos anos 1970. Há excelentes trabalhos de historiadores(as) e antropólogos(as) sobre a história e a memória deste período: o da construção da Transamazônica, dentre os quais destaca-se o trabalho de Doutorado de César Martins (SOUZA, 2009).



Contudo, numa *pesquisa formação narrativa (auto)biográfica* o texto acadêmico é elaborado tendo em conta seu lugar teórico de produção: o limiar poroso entre literatura e ciência. Esse lugar leva seu autor(a) a um processo de escrita caracterizado pela transgressão e pela hibridização que faz com que um gênero de texto assuma a forma de outro permitindo, por exemplo, que um Memorial de Formação seja, respondendo às questões postas no título do presente artigo, ao mesmo tempo um conto, um poema e um memorial. Tal processo de *narrar pesquisar formar-se* só é possível numa compreensão da narrativa em três dimensões, como discutido em Prado, Soligo e Simas (2014): como fonte, como método e como possibilidade de reflexão, ou, em outras palavras, como discutido por Maria Helena M. B. Abraão¹⁰, citando o trabalho de Bolívar (2001), como fenômeno, como método e como práxis social.

Para não deixar de falar de política, retomando a discussão iniciada em Jesus (1997), o que explica essa opção *epistmopolítica* de construção de uma ciência outra, que materializa uma escrita outra na qual a literatura, numa compreensão bakhtiniana inspirada na leitura de Ponzio (2018), como ferramenta de reflexão (o escudo usado por Perseu, metade homem, metade deus, para olhar indiretamente para a Medusa e conseguir enfrenta-la e derrota-la) nos permite olhar para nosso agir no mundo, por meio de uma “hermenêutica de si”, construída em diálogo com os outros que nos constituem, em círculos virtuosos de elaboração e partilha de narrativas, com as quais podemos perspectivar uma “vida boa” “com e para o outro em instituições justas” (RICOEUR, 2014, p.197). As questões propostas no resumo deste texto não possuem uma única resposta, tão pouco uma receita. Espero, no entanto, que estas notas (des)pretenciosas possam vir a ser de alguma utilidade para o debate nelas proposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O Studium e o punctum possíveis. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs.). *Pesquisa (Auto)Biográfica, Fontes e Questões*. Curitiba: CRV, 2014.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=n5lo2vnLHN8&t=3601s>



ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, Inês B. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano: duas experiências. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, n. 2, 2001.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: *Hucitec*, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: *Martins Fontes*, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Para uma filosofia do Ato Responsável. 3. ed. São Carlos: *Pedro & João Editores*, 2020.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 1981.

BARBIER, René. A Pesquisa-Ação na Instituição Educativa. Rio de Janeiro: *Zahar*, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. O mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: *Zahar*, 1998.

BOLÍVAR, Antonio et al. La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología. *Madrid: La Muralla*, 2001.

BRAGANÇA, I. F. A formação como “tessitura da intriga”: diálogos entre Brasil e Portugal. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, p. 579 593, set./dez. 2012b.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Curso de pedagogia no Rio de Janeiro após diretrizes curriculares nacionais: políticas de conhecimento e formação. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, p. 110-135, nov./dez, 2014. BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: *EDUERJ*, 2012a.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Itinerários de vida, docência, pesquisa e formação. in: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) A nova aventura (auto)biográfica [recurso eletrônico]: tomo II. Porto Alegre: *EDIPUCRS*, 2018b.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). Pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: *CRV*, 2018a.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, Departamento de Letras, 1996.

CATANI, Denice Barbosa (Org.) et al. Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: *Escrituras*, 1997.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. In: *Revista Educação e Pesquisa*, v.32, n.2, maio/ago. 2006, p. 359-371.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Transformações e centralidade da narrativa de si na sociedade biográfica. In: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). Pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elizabete Monteiro de Aguiar (orgs). Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JESUS, João. Camponeses: conto-poema. Belém: Graficentro, Gráfica e Editora Ltda, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. Tradução de José Claudino e Júlia Vieira. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MOTTA, T. DA C.; BRAGANÇA, I. F. DE S. Pesquisa formação: uma opção teorico metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. Artes de dizer fazer dizer os saberes da experiência. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 4, n. 12, p. 1034-1049, 26 dez. 2019.

NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PRADO, Guilherme do Val T.; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa França. Pesquisa narrativa em três dimensões. 2014. Disponível em: <<https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2014/11/toledo-soligo-simas-pesquisa-narrativa-em-trc3aas-dimensc3b5es.pdf>> Acesso em 16/02/2022.

RICOEUR, Paul. Escritos e conferências 1: em torno de psicanálise. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RICOEUR, Paul. Escritos e conferências, 3: antropologia filosófica. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

RICOEUR, Paul. O si-mesmo como outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SANTOS, B. de S. Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, César Augusto Martins de. A estrada invisível: memórias da Transamazônica. Tese de Doutorado em História. Niterói-RJ: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2009.



Recebido em: 20/06/2022

Aprovado em: 22/07/2022